

OS EFEITOS PERFORMATIVOS DAS IMAGENS DE ELIZA SAMUDIO EM CIRCULAÇÃO NA PÁGINA OFICIAL DO BOA ESPORTE NO *FACEBOOK*

Thayse Figueira Guimarães¹

RESUMO: Composto por diversas narrativas, desde seu desaparecimento, o caso Eliza Samudio tem cumprido uma vasta trajetória textual nas diversas mídias jornalísticas e interações na *web* até o presente momento. Neste artigo pergunta-se sobre os efeitos performativos das imagens de Eliza Samudio segurando o seu bebê, que circularam de forma repetida na página oficial do Boa Esporte no *Facebook*, desde a contratação do goleiro Bruno Fernandes pelo clube, em março de 2017. Investiga-se como as imagens, ao serem ressituidas na página oficial do Boa Esporte no *Facebook*, realizam um ato de fala específico, assim como atualizam a memória do caso. Tendo isso em vista, reivindica-se um arcabouço teórico de natureza interdisciplinar, focalizando, em especial, a teoria dos atos de fala de Austin ([1962] 1990), a partir das interpretações dadas por Derrida ([1972]1988) e Judith Butler (1990; 1997). Na análise, observa-se, principalmente, que os enunciados produzem a representação de uma identidade para Eliza em (con)formação com imaginário social sobre o feminino, notadamente na qualificação de uma violência contra uma mãe.

PALAVRAS-CHAVE: Eliza Samudio; violência contra mulher; identidade; performatividade.

ABSTRACT: Composed of various narratives since she went missing, Eliza Samudio's case has been traveling far through diverse trajectories along many news reports and web interactions. This paper inquires into the performative effects of Eliza Samudio's images holding her baby, which circulated repeatedly on soccer team Boa Esporte's official Facebook page since the hiring of the goalkeeper Bruno Fernandes in March of 2017. The investigation centers on how the images, upon being relocalized on this particular Facebook page, fulfill a specific speech act, as well as call the case back to attention. Bearing this close to sight, an interdisciplinary approach is tapped which focuses particularly on Speech Act Theory (Austin, ([1962] 1990) and its rereadings by Derrida ([1972]1988) and Judith Butler (1990; 1997). The main results show that the utterances work to produce an identity representation (con)formed to received notions about what it means to be female, notably in what concerns an episode of violence against a mother.

KEYWORDS: Eliza Samudio; violence against women; identity; performativity.

Introdução

No Brasil, a violência contra a mulher tem altos índices de mortes. Os homicídios com motivação passional foram tão corriqueiros, que tiveram um atenuante legal até pouco tempo. A ideia de legítima defesa da honra, em crimes conjugais, surgiu na legislação trazida para o Brasil e era comumente utilizada quando o marido flagrava o adultério da esposa. O adultério, tipificado no Código Penal Brasileiro, só deixou de ser considerado crime em 2005.

¹ Professora do Programa de Mestrado em Letras da Universidade Vale do Rio Verde. Doutora em Linguística Aplicada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: thayse.guimaraes@unincor.edu.br. Este trabalho é resultado da pesquisa em andamento no projeto de pesquisa "Práticas discursivo-interacionais, letramentos e a construção de identidades sociais e culturais", desenvolvido no Programa de Mestrado em Letras da Universidade Vale do Rio Verde –UninCor.

Não é difícil perceber e, pelas próprias experiências sociais vividas por mulheres cis e trans, em pleno século XXI, a herança de uma cultura patriarcal e sexista em nosso país. A dominação masculina não é apenas simbólica e aparece em sua face mais concreta nos atos de violência. Em nossa cultura, homens estão desproporcionalmente envolvidos em situações violentas em parte porque, segundo Connel e Pearse (2015), estão preparados para isso.

Certamente, nem todos os casos de violência contra mulheres são midiáticos ou postos em discussão pública. Entretanto, crimes que envolvem celebridades, como é o “Caso Eliza Samudio”, ganham ampla exposição midiática. Nesse contexto, a mídia opera na produção de notícias, construindo a memória dos acontecimentos, assim como na produção de imaginários sociais sobre o feminino e o lugar da mulher em nossa sociedade. Nosso pressuposto é que a mídia desempenha um papel central na reprodução de certas construções simbólicas, que reforçam e normalizam um discurso hegemônico sobre gênero (VAN DIJK, 2008). Naturalmente, muitos pesquisadores/as já se debruçaram sobre o papel da mídia na construção ou manutenção de diversos imaginários sociais, entre eles o feminino, em especial, nas produções de notícias que incidem nos casos de violências contra mulheres.

Na época do desaparecimento de Eliza Samudio, os principais veículos de mídia *on-line* e televisiva do país, acompanharam o caso e escreveram a memória do acontecimento. Sem a pretensão de dar conta de tudo o que aconteceu com Eliza Samudio, destaca-se que, em 2010, Eliza foi sequestrada e assassinada. O acusado de ter sido o mandante foi Bruno Fernandes, na época goleiro do Clube de Regatas do Flamengo. O mesmo homem contra o qual ela prestou queixa sem sucesso, na delegacia dedicada às mulheres, oito meses antes do seu desaparecimento, ainda quando estava grávida. Os restos mortais de Eliza Samudio nunca foram encontrados.

Detalhes sobre o envolvimento de Eliza e Bruno, sobre as denúncias feitas pela ex-modelo, sobre o encarceramento e sobre o crime foram noticiados e ganharam as manchetes de todos os jornais, revistas, emissoras de rádio e televisão, agências de notícias nacionais e internacionais. Como demonstra Oliveira (2016), em sua análise sobre a representação do caso Eliza Samudio na mídia impressa e nos telejornais, no ano de 2009 e 2010, uma gama de escolhas linguísticas e imagéticas não só construíram a memória do caso, mas também contribuíram para a construção de uma representação do feminino e da violência contra a mulher, postulando identidades para Eliza.

No que tange às identificações sobre Eliza Samudio, que circularam nos principais portais de notícias do Rio, destaca-se uma matéria do jornal Extra², publicada em 04 de julho de 2010, após o desaparecimento de Eliza. Nela, Eliza é apresentada pela manchete que tem como título “Vaidosa, ciumenta e sem medo de botar a cara” e como subtítulo “Ela assumia que era Maria-chuteira, falava abertamente do passado e assumia que queria ficar com o goleiro e o filho, Bruninho”. O corpo do texto dizia “Maria chuteira assumida admitiu casos com outros jogadores, mas deixou claro que tinha se encantado com Bruno”. Ocupando o centro da matéria, seguia uma foto de Eliza, tirada de baixo para cima, após a ex-modelo ter prestado queixa na delegacia de Mulheres por agressão em 2009.

Se nos perguntarmos pelos efeitos de sentido dessa manchete, as escolhas lexicais fazem referência a Eliza como Maria-chuteira e como aquela responsável pela má fase do goleiro Bruno Fernandes, na época capitão do time rubro-negro. Foi assim que Eliza apareceu na mídia de forma sucessiva na época. Diferentes recursos semiótico-discursivos, veiculados pelos canais midiáticos na cobertura do caso, participavam da identificação de Eliza como Maria-chuteira, como alguém que se descontrola por ciúmes, alguém que estava atrás do dinheiro de Bruno, que não tem ninguém no mundo e a responsável pela queda no rendimento profissional do atleta.

Outra identificação de Eliza Samudio, que circulou na época e que merece destaque, neste artigo, refere-se às imagens abaixo, que saíram em algumas reportagens da mídia impressa e televisava, na época do desaparecimento de Eliza e em 2013, ano do julgamento e condenação em primeira instância de Bruno Fernandes. No caso das imagens seguintes, Eliza é apresentada em uma imagem materna.

² Extra é um jornal brasileiro, da cidade do Rio de Janeiro, parte do grupo Infoglobo. Cf. Matéria no anexo.



Figura 1: Pesquisa realizada pelo google imagens em maio de 2017.

Essas fotografias de Eliza Samudio trazem aspectos relevantes sobre os efeitos performativos na circulação de signos visuais. Apesar de não serem as imagens que mais apareceram na cobertura do caso pelos meios midiáticos, essas imagens circularam no momento do desaparecimento de Eliza, em 2010, e voltaram a circular na condenação de Bruno Fernandes em primeira instância, no ano 2013. Apareceram novamente em 2017, após a contratação do goleiro pela equipe mineira do Boa Esporte, situada na cidade de Varginha, Mg. A contratação do goleiro deu-se após o *habeas corpus*, concedido pelo ministro do Supremo Tribunal Federal, Marco Aurélio de Mello. Bruno já estava preso fazia quatro anos, após ter sido condenado a 22 anos e três meses de prisão em primeira instância pelo homicídio de Eliza Samudio.

O Boa Esporte Clube, também conhecido como Boa ou Boa Esporte, é uma associação esportiva mineira fundada originalmente em Ituiutaba, pontal do triângulo mineiro. Em 2011, a equipe se transfere para a cidade de Varginha, passando a jogar sob o nome de Boa Esporte Clube. O clube ganhou visibilidade nacional, em 2017, após a contratação de Bruno Fernandes como goleiro, quando, novamente, o caso Eliza Samudio ganha os holofotes midiáticos no Brasil. O caso volta ser citado, comentado, tornando-se objeto de discussão e produção de narrativas em programas de televisão, jornais e nas redes sociais. Pela página oficial do *Facebook* do clube, torcedores/as, moradores/as de Varginha e interessados/as pelo caso protestaram contra ou apoiaram a contratação de Bruno. Em meio a manifestações de apoio e ataques ao clube pela contratação de Bruno, os responsáveis utilizaram-se da página oficial do *Facebook* do clube para responder aos torcedores e à comunidade em geral.

Como bem afirmou Judith Butler, em *Excitable Speech* (1997), um ato de fala não se dá no momento exclusivo de sua enunciação, mas é a condensação dos significados passados, dos significados presentes e até mesmo de significados futuros e imprevisíveis (SALIH, 2015). É nesse sentido, que as imagens de Eliza Samudio, em circulação após a contratação de Bruno como goleiro do Boa Esporte Clube, acionam espaços-tempos múltiplos que não estão necessariamente no momento de sua reprodução, mas que não podem ser separados dos sentidos que ali surgem. Isso porque, embora a história não seja semanticamente determinante dos sentidos que os signos possam adquirir em seus usos, os significados prévios ou usos prévios, como teorizou Butler, são importantes na constituição das identidades sociais e físicas. Dessa forma, as imagens de Eliza Samudio segurando seu bebê, em circulação após a contratação do goleiro pelo Boa Esporte Clube, podem ser entendidas como enunciados performativos, revestidos socioculturalmente de uma carga icônica, que tanto acionam significados prévios, isto é, atualizam a memória discursiva de outros contextos nos quais já circularam, como realizam novos atos, com sentidos não previsíveis no momento de sua recontextualização.

Uma vez que as identidades não se formam no vazio, mas, conforme Butler (2003), são *performances* iteráveis, isto é, *performances* presentes que ecoam *performances* passadas e historicamente sedimentadas, neste trabalho busco identificar os efeitos de sentido produzidos pelas imagens de Eliza Samudio segurando seu bebê, quando postas em circulação na página oficial do *Facebook* do Boa Esporte, após a contratação do goleiro pelo clube, em 10 de março de 2017. Tendo em vista esse objetivo, proponho a seguinte questão: Quais são os principais efeitos performativos das imagens de Eliza Samudio segurando o seu bebê, nas práticas de interação na página oficial do Boa Esporte no *Facebook*?

O exercício de crítica proposto no presente trabalho requer que se pergunte sobre a performatividade desses enunciados na construção de uma identidade para Eliza, para Bruno e para o clube. A intenção é investigar como as imagens, ao serem retiradas de seu contexto original e colocadas na página oficial do Boa Esporte, realizam um ato de fala específico, assim como atualizam a memória histórica, enquanto atos anteriores que já foram feitos e enunciados sobre o caso.

Este trabalho é uma discussão sobre como o discurso, sendo performativo, opera atos de fala, postulando identidades para Eliza, para Bruno, para o clube e para os sujeitos participantes/integrantes daquela comunidade de torcedores. Está inscrito teoricamente na

teoria dos atos de fala de Austin ([1962] 1990), a partir das interpretações que Derrida ([1972]1988) e Judith Butler (1990; 1997) fazem da teoria. Feitas estas considerações introdutórias, passo na próxima seção a discutir o caráter performativo da linguagem e da imagem.

O enunciado como um ato de fala e a visão performativa da linguagem

Central nos estudos das *performances* encontra-se o conceito de performativo desenvolvido por Austin ([1962] 1990) no livro *How to do things with words*³. Em suas conferências iniciais, como é bastante conhecido, Austin ([1962] 1990, p. 7) propôs discutir os enunciados performativos. Em síntese, enunciados que não poderiam ser avaliados como verdadeiros ou falsos. Nesse caso, como a verdade sempre foi central na filosofia, a problemática levantada por Austin é uma crítica a uma compreensão comum de que a linguagem consistiria essencialmente em relatar/constatar/descrever o que é verdadeiro ou falso, o que Austin ([1962] 1990 p. 3) chama de “falácia descritiva” ou “pseudodeclaração”.

Em suas primeiras conferências, Austin ([1962] 1990) defende a existência de dois tipos de enunciados: os constativos e os performativos. Os enunciados constativos são aqueles que descrevem ações ou que remetem a constatações tais como “Fui nadar”. Tais enunciados são meramente descritivos e só podem ser avaliados como verdadeiros ou falsos. Já os enunciados performativos não podem ser analisados a partir de uma semântica do verdadeiro ou falso (como no caso dos constativos), pois não descrevem, relatam ou constatam nada. O performativo, nesse caso, é um enunciado cuja enunciação já é um fazer (AUSTIN [1962] 1990, p. 6). O performativo é um ato de fala, pois possui uma determinada capacidade para realizar uma ação; por exemplo, “eu os declaro marido e mulher”, dito pela pessoa certa realiza o ato do casamento (AUSTIN, 1962).

Ao longo de suas conferências, Austin ([1962] 1990) constrói uma análise “aporética” e “em constante transformação” (Derrida, [1972] 1988). Assim, no desenvolvimento de sua reflexão, o filósofo deixa de lado a distinção que ele mesmo forjou entre performativo e constativo, concluindo que essa distinção é frágil para dar conta do alcance operacional da linguagem e da força dos atos de fala. Austin percebeu que esta dicotomia era inadequada uma vez que o constativo tem também uma dimensão performativa, isto é, descrever é também um ato que realizamos e que pode ser bem ou mal sucedido. Austin argumenta que a

³ “Quando dizer é fazer”, traduzido por Danilo Marcondes (1990).

linguagem como um todo não é formada por enunciados constativos que descrevem algo, mas sim por enunciados performativos que fazem com que alguma coisa aconteça. O filósofo leva às últimas consequências a performatividade da linguagem, mostrando, dessa forma, uma identidade entre dizer e fazer, insistindo na presença do ato na linguagem; ato que transforma – opera (PINTO, 2013).

Austin pretendia com isso descrever a natureza da linguagem como forma de ação, ou seja, modos de realizar atos por meio das palavras. Ao falar podemos realizar atos que não se restringem à simples emissão de um som com certo significado, ao contrário, podemos também imprimir força ao dizer, que se transforma em uma ação com obtenção de certos efeitos. Austin define, assim, três tipos de atos: locucionário, ilocucionário e perlocucionário. O ato locucionário consiste na dimensão linguística propriamente dita, isto é, nas palavras e sentenças empregadas de acordo com as regras gramaticais aplicáveis, bem como dotadas de sentido e referência (MARCONDES, 2010). Austin também diz que realizamos atos ilocucionários, tais como informar, ordenar, advertir, prometer etc.; ou seja, enunciados que têm uma certa força (convencional). De acordo com Marcondes (2010), a força consiste no performativo propriamente dito, constituindo o tipo de ato realizado. Quando digo, “Prometo que lhe pagarei minha dívida”, o proferimento do verbo “prometer” constitui o próprio ato de prometer; não se trata de uma descrição de minhas intenções ou de meu estado mental. Por fim, podemos realizar, segundo Austin, atos perlocucionários; enunciados que produzem certas consequências por dizerem algo. O ato perlocucionário caracteriza-se pelas “consequências do ato em relação aos sentimentos, pensamentos e ações da audiência, ou do falante, ou de outras pessoas, e pode ter sido realizado com o objetivo, intenção ou propósito de gerar essas consequências” (AUSTIN, 1962, p. 101).

No quadro de crítica e apropriações da Teoria dos Atos de Fala, Derrida ([1972] 1988, p. 16-17) volta-se ao estudo do performativo e, com base em sua prática ‘desconstrutivista’, critica a relação entre performativo e a intencionalidade, sustentada por Austin. A respeito da argumentação em torno da problemática das condições de realização da força performativa da linguagem, Derrida (1988) comenta que a elaboração tal como desenvolvida por Austin está impregnada da ideia de um sujeito intencional, consciente da totalidade de seu ato de fala e, conseqüentemente, com a garantia de felicidade/infelicidade do ato, ou seja, dos efeitos de seu ato de fala. Temos a crítica de que falta à teoria uma visão dialógica, uma vez que a noção de ato de fala é excessivamente centrada no falante individual (MARCONDES, 2010).

Segundo Austin ([1962] 1990), para a “felicidade de um ato de fala”, são necessárias algumas condições, incluindo nessas enunciados ditos por pessoas adequadas, com certo pensamento ou sentimento e certa intenção de conduta. Por exemplo, para que um batismo seja realizado são necessárias condições adequadas para tal ato: como uma igreja, a batina do padre, certos procedimentos e a pessoa autorizada, que deve ter a intenção de realizar o batismo. Do contrário, o ato não terá nenhuma validade. O autor entende que, quando o proferimento não obedece às condições adequadas, ocorre um desacerto, e assim o ato de fala pretendido passa a ser sem efeito.

Derrida (1988), entretanto, na revisão dos conceitos de Austin, afirma que a questão fundamental acerca da performatividade da linguagem não se relaciona tanto ao atendimento das condições convencionais/formais que dão força a um ato de fala, mas sim ao caráter de repetição e diferença próprio da linguagem em uso.

Para ele, uma característica de toda comunicação, escrita ou falada, é sua *iterabilidade* e *citacionalidade*, ou seja, a possibilidade de ela ser repetida, citada e transmitida por um terceiro e depois por outros. A iterabilidade é “a propriedade do signo ser sempre outro em sua mesmidade” (PINTO, 2013, p.36). É a alteração que permeia a repetição, fazendo com que esta nunca seja igual (DERRIDA, 1988). Já a citacionalidade “é a propriedade do signo de ser retirado de seu contexto “original” e deslocado para outro, e por isso mesmo produzir significado” (PINTO, 2013, p.36). É a mesmidade que se lança em um novo contexto (DERRIDA [1972] 1988).

Por esse viés, os atos de fala não possuem um sentido em si mesmos, pois esses atos estão intrinsecamente relacionados com a “construção” daquilo que chamamos de contextos. No lugar do tratamento do contexto como algo fixo e exterior às práticas discursivas, Duranti e Goodwin (1992) entende-no como um fenômeno dinamicamente mutável, constituído socialmente como uma forma de *práxis* e co-sustentado nas interações. Buscando ultrapassar as abordagens analíticas de textos, vistos apenas em seu sentido denotacional, o contexto, na perspectiva desses autores, assume papel de estabilizador dos sentidos. Todos os recursos de contextualização se fundem em encontros semióticos, emoldurando interpretações, produzindo a natureza da situação e conectando indivíduos de maneira diversa (FABRÍCIO, 2014, p. 149). A premissa, nesse caso, é que “o significado, mesmo o sentido literal, deriva de uma fusão da forma linguística com o contexto” (HANKS, 1996, p. 266). Nesse sentido, o significado não reside no interior da língua, encapsulado em expressões linguísticas *per se*; ao

contrário, o significado é algo que “emerge” da “interação entre a língua e suas circunstâncias” (HANKS, 1996, p.266).

Acrescenta-se ainda que um ato de fala não se dá no momento exclusivo de sua enunciação, mas é a condensação dos significados passados, presentes e até mesmo de significados futuros e imprevisíveis (SALIH, 2015). Isso nos leva ao segundo ponto da perspectiva de contexto adotada: a linguagem é uma cadeia de significantes que se prolonga para trás e para além de quem enuncia. Então seria um erro supor que o contexto de uso como cenas isoladas de um eterno presente, onde dois ou mais indivíduos de forma intencional interagem (SILVA; ALENCAR, 2014, p.260); os contextos são, ao contrário, atos históricos e sociais onde dois ou mais agentes sociais interagem por meio da linguagem.

Daí se origina a visão segundo a qual contexto é a categoria dominante em uma análise da linguagem em uso. Essa abordagem pode encontrar ecos na interpretação dada por Jacques Derrida ao conceituar a *iterabilidade* e a *citacionalidade* como próprios do performativo. Combinadas, *iterabilidade* e *citacionalidade*, fazem com que certos signos adquiram regularidade, mas se ampliem por intermédio de sucessivos processos de descontextualização e recontextualização (BAUMAN; BRIGGS, 1990). Assim sendo, o sujeito que enuncia não é o inaugurador ou a origem do sentido de sua enunciação; ele repete e cita sentidos que, a um só tempo, preservam suas identidades, mas também imprimem diferenças quando atualizados em novos contextos. Sendo assim, “repetição e diferença são os dois eixos ao redor dos quais a construção de sentidos se movimenta” (BORBA, 2015, p. 92).

Percebemos, então, que os conceitos de iterabilidade e citacionalidade (DERRIDA, 1988) e de contexto como ato histórico e social (DURANTI; GOODWIN, 1992; HANKS, 1996) convergem ao apontar, ambos, para ao fato linguístico, relacionando-o tanto às condições de sua própria produção quanto à ordem macrossocial dos significados cristalizados socioculturalmente.

Como já sugerido, vale enfatizar que a repetição não implica na preservação fidedigna da mesmidade. A iteração produz, igualmente, efeitos de instabilidade, de forma que o dado e o novo compõem as duas faces de um mesmo enunciado. Na linguagem em uso, realizamos um jogo de simultaneidade entre a reiteração dos significados dados e a performatividade, que viabiliza a emergência de novos sentidos, já que a falibilidade de uma cópia fidedigna é um pressuposto da repetição (PENNYCOOK, 2007). Como bem sintetizou Pennycook (2010, p. 43),

repetição, mesmo a ‘da mesma coisa’, sempre produz alguma coisa nova, de forma que, quando repetimos uma ideia, uma palavra, uma frase ou um evento, ele/a é sempre renovado/a. Desse ponto de vista, a mesmidade (língua, estrutura, identidade, normas culturais) precisa ser explicada, ao invés de ser assumida, e quando produzimos algo novo, isso tem sempre que ser um caso de repetição.

De igual maneira, o texto imagético opera fazeres e se configura em meio à citacionalidade e à iterabilidade (GONZALEZ, 2016). Nesse sentido, as imagens constroem o que encunciam, produzindo efeitos performativos em sua circulação. Sendo assim, interessa aqui identificar como as imagens de Eliza Samudio, inseridas nos/junto aos comentários dos participantes das interações na página oficial do Boa Esporte Clube no *Facebook*, instauram, qualificam ou mantêm determinadas identificações para Eliza, para Bruno e para o clube. Não se trata de uma identidade que se forma no vazio, mas numa arena de significados historicamente repetidos e, muitas vezes, cristalizados. De acordo com Butler (1990), as identidades são *performances* iteráveis, isto é, *performances* presentes que ecoam *performances* passadas e, por conseguinte, *performances* que acumulam e condensam historicidade.

Se o texto imagético é também uma citação, ele é passível de ser ressignificado ao ser descontextualizado e recontextualizado. E, como tal, pode servir aos mais distintos propósitos, como se verá na seção a seguir. Nesse sentido, as imagens de Eliza Samudio, citadas na página oficial do clube no *Facebook*, mencionam algo que já foi dito previamente, mas também evocam algo novo.

A imagem de Eliza Samudio na página oficial do Boa Esporte no *Facebook*

Constituído por diversas narrativas, desde seu desaparecimento, o caso Eliza Samudio tem cumprido uma extensa trajetória textual nas diversas mídias jornalísticas e interações na *web* até o presente momento. Como dito anteriormente, neste artigo o trabalho de análise do discurso concentra-se na observação das imagens de Eliza Samudio segurando o seu bebê, que circularam de forma repetida na página oficial do Boa Esporte no *Facebook*, desde a contratação do goleiro pelo clube, em março de 2017. As imagens apareciam em comentários feitos nas publicações realizadas pelo clube, como pode ser observado a seguir.



Figura 2: Retirado da página oficial do Boa esporte Clube. Acesso em: 20/04/2017

A imagem da modelo, sorridente, de cabelos soltos, rosto tranquilo, com Bruninho nos braços, inevitavelmente atravessa diferentes espaços-tempos, evocando não somente a memória do caso, mas também a memória de um espírito maternal. A imagem de uma mãe com seu filho no colo é uma cena clássica. A exemplo, Rafael Sanzio pintou uma série de “Madonas” entre 1502 e 1518, representando a Virgem Maria com seu filho no colo.

As imagens em circulação na página oficial do Boa no *Facebook* é irredutível a si própria, pois carrega marca da sua historicidade, isto é, dos contextos nos quais já foram citadas. Assim, quando os participantes daquela interação decidem citar a imagem de Eliza com filho no colo e não outra, prestam-se a ilustrar o que com isso se pretende dizer/fazer. O que significa que tal imagem, a um só tempo, possui uma força ilocucionária e perlocucionária, podendo conduzir ações e provocar reações.

Essas interações carregam marcas de uma memória de Eliza-mãe e de tantas outras falas. Ao afirmar-se que Eliza é mãe/vítima de violência, nega-se também que Eliza é maria-chuteira, alguém que se descontrola por ciúmes, alguém que estava atrás do dinheiro de Bruno, que não tem ninguém no mundo e que é a responsável pela queda no rendimento profissional do atleta. Portanto, a imagem, enquanto um ato performativo, cita significados anteriores e rompe com a cadeia significante que coloca no mesmo campo semântico-discursivo os termos Eliza, maria-chuteira, problema extracampo de Bruno etc.

Estas ações e reações operam não apenas por vias imagéticas. Vale destacar que essas imagens circularam associadas a enunciados, tais como mostram as figuras a seguir:



Figura 3: Retirado da página oficial do Boa esporte Clube. Acesso em: 15/05/2017



Figura 4: Retirado da página oficial do Boa esporte Clube. Acesso em: 15/05/2017



Figura 5: Retirado da página oficial do Boa esporte Clube. Acesso em: 15/05/2017

Destaca-se aqui que as escolhas lexicais, ao referenciar, qualificam Eliza como mãe e vítima de um crime bárbaro, cujo sujeito do ato violento é Bruno, estando o Boa Esporte Clube, nessa construção discursiva, desrespeitando os/as torcedores/as, ao ser condizente com Bruno e, conseqüentemente, com o ato cometido. Essa compreensão pode ser inferida por meio das referências feitas a imagem de Eliza Samudio (“Essa é Eliza Samudio segurando o filho do goleiro Bruno”; “Ela foi sequestrada, torturada, estuprada e morta”; “ela não teve o direito nem à um enterro cristão”); pelas referencias feita a Bruno Fernandes (“esse animal ai

da foto” “Ele está sorrindo” “embora ele tenha matado a mãe”) e, por fim, pelas referências ao clube (“O que o Boa tem contra a foto de Eliza e do filho do goleiro ídolo? Por que apaga?”).

Os posicionamentos assumidos pelos participantes dessas interações parecem não só representar Eliza como mãe e vítima de um acontecimento do passado, mas também enfatizam os danos sofridos por esse tipo de crime, visto que “ela não teve o direito nem a um enterro cristão”, assim como atualizam, no momento presente, o sentimento de impunibilidade gerado pela contratação de Bruno pelo Boa Esporte.

Nas interações na página do Boa no *Facebook*, a referenciação a Eliza por diversas facetas semiótico-discursivas como mãe-vítima de um crime bárbaro, não só fornece vida ao caso e à identidade de Eliza, mas, enquanto um ato performativo, aparece também como meio pelo qual os participantes daquela comunidade contestam a contratação de Bruno pelo clube. A reivindicação do grupo é acionada pela representação de Eliza como mãe do filho do goleiro contratado. A imagem da ex-modelo, sorridente, de cabelos soltos, rosto tranquilo, com Bruninho nos braços, performatiza uma identidade de gênero, a partir da qual a maternidade é a realização sagrada e plena do gênero feminino. Nesse sentido, a imagem de Eliza Samudio molda-se às formas de representações hegemônicas do gênero feminino, mas também se instaura em uma nova discursividade. Nesse caso, a imagem de Eliza Samudio, além de carregar marcas de sua historicidade, de situações que atravessam diferentes espaços-tempo, é também o signo que determinado grupo usa para contestar e fazer valer seu intuito de boicotar o clube, pela contratação do goleiro. A imagem, inscrita nessa trama sócio-histórica de poderes e saberes, que aciona esse estereótipo de mulher/mãe, pode produzir ações e provocar reações que mobilizam terceiros na contestação da contratação de Bruno pelo clube.

Considerações finais

A imagem de Eliza Samudio, segurando Bruninho, em sua trajetória de citações, atualizações e recontextualizações, pode nos ajudar a ilustrar a questão central na compreensão da performatividade da linguagem: na repetição dos mesmos textos, estamos simultaneamente preservando traços dos contextos de onde provêm esses textos, assim como criando sentidos originais, porque novos processos de citação revigoram a função e o valor do já enunciado. Instiga também a discussão do problema da responsabilidade de um ato de fala.

Se entendermos a linguagem como uma forma de ação e não só como descrição do mundo, incluímos na análise de um ato de fala uma série de fatores até então excluídos, como o contexto, o sujeito, a ação e seus efeitos.

Logo, no intuito de analisar os efeitos performativos da imagem em circulação nas interações do clube no *Facebook*, não se pode esquecer dos sentidos criados na recontextualização dos enunciados analisados, ou seja, novos performativos estão em circulação aqui. Desse modo, sem a intenção de dar conta de um panorama abrangendo todas as ações e reações produzidas na circulação da imagem de Eliza Samudio, espera-se evidenciar que a representação de uma identidade para Eliza como mãe não tem nada de apolítico e a-histórico, oferecendo não só possibilidade de existência linguística a Eliza, a Bruno e ao clube, mas também de ação pública contra a impunidade com que a violência contra a mulher é tratada.

REFERÊNCIAS

- AUSTIN, J. L. *Quando dizer é fazer*. Palavras e Ação. Porto Alegre: Artes Médicas. [1962] 1990.
- BAUMAN, R.; BRIGGS, C. Poetics and *performance* as critical perspectives on language and social life. In: *American Review of Anthropology*, v. 19, 1990, p. 59-88.
- BORBA, R. Linguística Queer: uma perspectiva pós-identitária para os estudos da linguagem'. *Entrelinhas* (UNISINOS. Online), v. 9, 2015, p. 91-107
- BUTLER, Judith. *Excitable speech*. A politics of the performative. Routledge, New York & London, 1997.
- BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Tradução Renato Aguiar. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- CONNELL, Raewyn; PEARSE, Rebecca. *Gênero: uma perspectiva global*. Moschkovich, Marília. São Paulo: nVersos, 2015.
- DERRIDA, J. Signature Event Context. In: *Limited Inc*. Evanston: Northwestern University Press, [1972]1988.
- VAN DIJK, Teun A. *Discurso e Poder*. São Paulo: Contexto, 2008, 281p.
- FABRÍCIO, Branca Falabella. Transcontextos educacionais: gêneros e sexualidades em trajetórias de socialização na escola. In.: SILVA, D.N.; FERREIRA, D.M.M.; ALENCAR, C.N. (Orgs). *Nova Pragmática - modos de fazer*. São Paulo: Cortez, 2014.
- GONZALES, Clarissa Rodrigues. Foto-grafia: o caso Verônica Bolina e a ‘mostrulização’ semiótico-discursiva de *performances* de gênero não binárias em narrativas noticiosas. Dissertação de Mestrado em Linguística Aplicada. Rio de Janeiro: UFRJ, Programa Interdisciplinar de Pós-graduação em Linguística Aplicada, 2017.
- GOODWIN, Charles; DURANTI, Alessandro. Rethinking context: An introduction. In: A. Duranti and C. Goodwin, eds., *Rethinking context: Language as an interactive phenomenon*, Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

- HANKS, William. Language form and communicative practices. In: GUMPERZ, John & LEVINSON, Stephen (Orgs.) *Rethinking Linguistic Relativity*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.
- MARCONDES, D. Por uma Visão Performativa da Pragmática: significado e ação. *Cognitio: revista de filosofia*. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), n. 2, v. 11, 2010.
- OLIVEIRA, Maria de Fátima Costa de. *In Memoriam: entre Dana e Eliza: discursos, imagens e sentidos sobre a mulher*. Tese (Doutorado em Memória Social)- Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.
- PENNYCOOK, A. Performance and performativity. In: *Global Englishes and Transcultural Flows*. New York: Routledge, 2007.
- PENNYCOOK, A. *Language as a local practice*. New York: Routledge, 2010.
- PINTO, J. P. Performatividade. *Revista Cult*, Edição 185, novembro, 2013.
- SALIH, Sara. *Judith Butler e a teoria queer*. Tradução e notas: Guacira Lopes Louro. Belo Horizonte, Autêntica editora, 2015.
- SILVA, D. N.; ALENCAR, C.N. Violência e significação: uma perspectiva pragmática. In.: SILVA, D.N.; FERREIRA, D.M.M.; ALENCAR, C.N. (Orgs). *Nova Pragmática -modos de fazer*. São Paulo: Cortez, 2014.

ANEXO

Vaidosa, ciumenta e sem medo de botar a cara

Ela assumia que era Maria-chuteira, falava abertamente do passado e queria ficar com o goleiro e o filho, Bruninho



BRUNINHO, PONCE DE LEON
reportagem para o EXTRA

■ Arruinada e chateada, Eliza Sarmiento abriu a porta do seu quarto de hotel. Não parecia nem um pouco tensa. Calma, de blusa decotada preta, seios fartos à mostra e uma calça justa, parecia ter se arrestando para sair bem na hora, como uma mulher tralha que tentava atrair os olhos do vizinho de volta. Era agosto de 2009 quando fez o primeiro contato com a reportagem, que ainda está gravada de Bruno.

Ela é uma simpática e despojadada. Não revela as palavras, muito menos as

ausúrias, mas mostra uma preocupação com a aparência. "Quero ficar bonita aos olhos", disse ela. Maria-chuteira assumida, admitiu: tanto com outros jogadores, mas deixou claro que tinha se envolvido com Bruno. Os dois se encontraram algumas vezes, e Eliza se apaixonou. Carinhosa? "Sei que é importante, mas na hora...", explicou ela, com um tom muito desencantado. "Acho ele um gato", sorriu.

Traição

Foi pelo EXTRA que Eliza descobriu que Bruno não estava mais com a esposa. Depois: Tinha até uma namorada: a dentista Ingrid Cabellos. "Ele me disse que ainda estava casado. Agora aparece com outra", lamenta, com cilices. Eliza não acredita. Ingrid? Decida atrapalhar.

Na entrevista, ela poderia apontar com a imagem des-



ELIZA SARMIENTO, esposa na Inteligência de Mulheres por agremiação

focada, mas não quis. Ela botou a cara a tapa, determinada, como uma adolescente solista. Ficar com Bruno, amar, e sua filha, que levaria

o mesmo nome. Não de repente de mãe de uma filha, sem jogar. Isso se refere exatamente com Bruno, da luta pelo reconhecimento da paternidade, e duas vezes incursões pelo mundo futebolístico. Ela reconheceu todos os repensamentos com a sua própria vida pessoal e na internet e parecia se divertir com a pesquisa. Se não no mundo, sem o contato com os pais e com pessoas amigas, ela estava se sentindo importante: como uma análise estendendo em milhões de vidas.

Quase adolescente

Mesmo após ter feito aquilo sobre uma suposta agressão, em outubro do ano passado, continuava gravando entrevistas como uma adolescente incoerente. Passou por uma gravidez tranquila, e encaminhou fotos dos filhos meus. "Olha como estão lindos! Nem cogonês", brincava ela, correndo a gestação incerta. As vezes, ela me ligava só para jogar conversa fora. Parecia curiosa. Bruninho

veio ao mundo em fevereiro. Um belo dia, recebeu uma caixa de fotos na minha caixa postal. "O que Maria-chuteira? Olha que lindo meu filho! É só o que parece com o Bruno? Olha o olhozinho parecido!", disse ela, toda feliz, pedindo apenas para não publicar a foto. Claro: Eliza gostava de aparecer, mas quis preservar o filho a todo custo. Nunca disse fotos, o pagador apareceu com um momento com o nome Bruno bondado. O menino era uma graça! Não meu último contato com ela, um mês, ou já trabalhava para uma revista de celebridades. Brinquete que agora, longe das reportagens capotadas, não a entrevistaria mais. Ela não titubeara: "Poderia se casar novamente com Bruno então?", brincou, rindo muito.

Retirado do arquivo do Jornal Extra, edição de 04 de julho de 2010.

Artigo recebido em agosto de 2017.
Artigo aceito em outubro de 2017.